



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**DAYANA PAULINO SANTOS**

A religiosidade e outros valores civilizatórios afro-brasileiros na literatura infantil: um caminho pelos búzios de ifá e outros orixás

**GUARABIRA-PB**  
**2016**

**DAYANA PAULINO SANTOS**

A religiosidade e outros valores civilizatórios afro-brasileiros na literatura infantil: um caminho pelos búzios de ifá e outros orixás

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades - Campus III.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ivonildes da Silva Fonseca

**GUARABIRA-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237r Santos, Dayana Paulino  
A religiosidade e outros valores civilizatórios afro-brasileiros na literatura infantil: [manuscrito] : um caminho pelos búzios de Ifá e outros Orixás. / Dayana Paulino Santos. - 2016.  
30 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca, Departamento de Educação".

1. Religião. 2. Personagens negras. 3. Literatura infanto-juvenil. 4. Valores civilizatórios afro-brasileiros-religião. I.  
Título.

21. ed. CDD 305.8

DAYANA PAULINO SANTOS

A religiosidade e outros valores civilizatórios afro-brasileiros na literatura infantil: um caminho pelos búzios de ifá e outros orixás

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades-Campus III.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 17/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marta Furtado da Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA-PB  
2016

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Ao meu pai, José Fernandes dos Santos, e minha mãe, Josefa Paulino dos Santos e aos meus irmãos pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A Professora Dr. Ivonildes da Silva Fonseca, com quem partilhei o que era o broto daquilo que veio a ser esse trabalho. Nossas conversas durante e para além dos grupos de estudos foram fundamentais. Desejei a sua participação na banca examinadora deste trabalho desde o princípio.

A todos os outros professores do curso de Pedagogia, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste artigo.

Agradeço também ao meu namorado, José Wildys Ribeiro, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, apoiando nos momentos de dificuldades.

Meus agradecimentos as amigas, Huanny Késsia , Danielli Rodrigues e Adjeane Farias, companheiras de trabalhos e irmãs na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>06</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>14</b>
<b>4. ANALISANDO .....</b>	<b>15</b>
<b>4.1 Um caminho pelos búzios de ifá e outros orixás.....</b>	<b>15</b>
<b>4.1.1. Ifá, o adivinho .....</b>	<b>16</b>
<b>4.1.2. O filho do vento .....</b>	<b>21</b>
<b>4.1.3. O presente de Ossanha .....</b>	<b>24</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFÊRENCIAS.....</b>	<b>29</b>

## A religiosidade e outros valores civilizatórios afro-brasileiros na literatura infantil: um caminho pelos búzios de ifá e outros orixás

SANTOS, Dayana Paulino<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo é fruto do projeto “Filhas e Netas de África: Imagens de meninas e mulheres afrodescendentes e negras em livros divulgados no Programa a Cor da Cultura/ACDC”, no qual participei como voluntária com o subprojeto “A religiosidade afro-brasileira e a vida cotidiana”. O objetivo principal foi o de evidenciar a religião afro-brasileira no conjunto dos valores civilizatórios afro-brasileiros a partir da análise do conteúdo de 03 livros infantis que integram o Programa a Cor da Cultura: “Ifá o Adivinho”, “O Filho do Vento” e “O presente de Ossanha”. Para isso utilizamos ideologias que depreciam a pessoa negra como a do racismo e da democracia racial. Trazendo como apporto teórico Bardin(2013), Munanga(1984), Fernandes(1989), Trindade(2013) entre outros. A partir das três obras analisadas é pertinente afirmar que por meio delas será possível transmitir o conhecimento positivado sobre as pessoas negras e sua cultura e principalmente no que se refere a religiosidade e todos os outros valores civilizatórios afro-brasileiros.

**Palavras-chaves:** Religião; Personagens negras; Literatura infanto-juvenil; Valores civilizatórios afro-brasileiros-religião.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte do subprojeto “A religiosidade afro-brasileira e a vida cotidiana” no qual discorreremos sobre os tipos de imagens/representações presentes na literatura infanto-juvenil com correspondência aos valores civilizatórios.

Durante o processo da pesquisa tomei como base teórica os seguintes autores (as): Bardin (2011); Munanga, (1984); Spadoni (2015); Trindade (2013) dentre outros. Como fonte de análise trabalhamos 03 livros do Programa “A Cor da Cultura”: O presente de Ossanha (Joel Rufino dos Santos), Ifá o Adivinho (Reginaldo Prandi, 2002) e o Filho do Vento (Rogério Andrade, 2006). As obras em questão dão evidência aos valores civilizatórios afro-brasileiros e trazem elementos do mundo mágico-religioso africanos focando os personagens negros, caracterizando-as em relação, religiosidade e aos valores civilizatórios, envolvendo uma discussão acerca das ideologias, do branqueamento e da democracia racial.

Das heranças culturais africanas e indígenas, a religiosidade é um elemento de alta significação na sociedade brasileira, sobretudo por ser constituído de símbolos

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela UEPB. [dayanapaulino6@hotmail.com](mailto:dayanapaulino6@hotmail.com)

que têm visibilidade material e imaterial. Na sociedade contemporânea brasileira ocorre de forma recorrente o fenômeno da intolerância religiosa, observa-se que algumas instituições públicas são utilizadas como espaços, por excelência, de reprodução da ideologia religiosa cristã e a depreciação das religiões afro-brasileiras.

Diante disso, fica evidente a importância de se abordar os valores civilizatórios afro-brasileiros, já que dentre esses há a religiosidade, a oralidade, a circularidade, a corporeidade, a musicalidade, a ludicidade e a cooperatividade. Podem-se mostrar esses elementos como heranças que foram deixadas para nós pelas pessoas negras, ou seja, pelo povo africano. Assim desconstruir o preconceito contra a religião afro-brasileira é um elemento polêmico, principalmente quando se trata da religião como também da cultura.

Para tanto, abordaremos neste trabalho a importância da Lei 10.639/03 que nos dá embasamento para trabalhar sobre a África, como também a cultura afro-brasileira, mostrando para todos a sua importância na construção social e cultural do Brasil. Vale salientar que a pesquisa abordará também as ideologias que tentam mascarar o racismo, o preconceito e a falta de respeito que a pessoa negra e toda sua cultura ainda sofre na sociedade.

De acordo com os procedimentos supracitados, será possível compreendermos tanto o meio social dos personagens negros, quanto seus fenótipos, corroborando para a compreensão em torno da questão étnica, se realmente o padrão estético eurocêntrico permanecem de forma hegemônica nos livros ou, se há uma valorização significativa, ou predomínio das características físicas negras, como por exemplo, a cor da pele, tipo de cabelo, formato do nariz, e dos lábios.

Portanto, acreditamos que este trabalho contribuirá para o enfraquecimento de estereótipos negativos disseminados nos livros infanto-juvenis, visando uma proposta de diversificação da literatura nos quesitos referentes à religião e aos valores civilizatórios, o que poderá transformar a mentalidade social vigente.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

Para darmos início a esta parte, faz-se necessário ressaltar uma das ideologias utilizadas para explicar a hierarquia entre as raças. A ideologia do racismo que justifica o sofrimento das pessoas negras que persiste até a atualidade, decorrentes do preconceito e discriminação pela sua cor de pele, bem como o ato de associar as

peças “brancas” como a cor da pureza, santidade, inteligência, dentre outras qualidades que não podem ser consideradas para as peças negras.

Para isso fez-se necessário entender a partir de Kabengele Munanga (1984, p. 39) que a ideologia do racismo foi construída para justificar a supremacia branca eurocêntrica:

A justificativa científica da pretendida superioridade do branco sobre as outras raças culminou, entre outros, com as idéias do inglês Robert Knox (Races of Men, 1850) e do francês Arthur de Gobineau (Essai sur l'inegalité des Races Humaines, 1853-55). O primeiro criou o mito racial de gênio saxão e anglo-saxão; o segundo, o mito do gênio racial ariano. (MUNANGA, 1984, p. 39)

Com a sua reflexão Munanga (1984), tanto quanto Knox e Gobineau defendiam de modo determinante, o grupo humano branco. Todas as outras “raças” que não se enquadrassem ao padrão europeu eram depreciadas, negativadas, inferiorizadas e subalternizadas.

Em se tratando da ideologia da democracia racial, também denominada de “mito” do paraíso racial, só começou a ser combatida quando os próprios negros conseguiram meios tanto materiais, quanto intelectuais, começando uma longa jornada em prol do extermínio de tal ideologia, tentando mostrar que o Brasil não é nem nunca foi esse paraíso racial.

Debatendo sobre a inexistência da democracia racial no Brasil, vale destacar a reflexão de Florestan Fernandes que diz:

Os mitos existem para esconder a realidade. Por isso mesmo, eles revelam a realidade íntima de uma sociedade ou de uma civilização. Como se poderia, no Brasil colonial ou imperial, acreditar que a escravidão seria, aqui, por causa de nossa “índole cristã”, mais humana, suave, e doce que em outros lugares? Ou, então, propagar, no ocaso do século XIX, no próprio país no qual o partido republicano preparava-se para trair simultaneamente à ideologia e à utopia republicanas, optando pelos interesses dos fazendeiros contra os escravos, que a ordem social nascente seria democrática. Por fim, como ficar indiferente ao drama humano intrínseco à Abolição, que largou a massa dos ex-escravos, dos libertos e dos ingênuos à própria sorte, como se eles fossem simples bagaço do antigo sistema de produção?(FERNANDES, 1989, p.13)

É importante destacar que a ideologia da democracia racial se alastrou fortemente, chegando aos dias atuais, porém diversas pesquisas vêm combatendo este mito, afinal, se houvesse realmente esta “democracia racial”, boa parte dos

negros não estariam em posição inferior, quando comparados aos brancos, seja no mercado de trabalho, moradia, escola, hospitais e nas políticas públicas educacionais conforme a colocação de Fernandes (1989, p.17):

Tanto na estrutura ocupacional quanto a pirâmide educacional deixam uma participação ínfima para o negro e o mulato, assinalando uma quase exclusão e uma marginalização sistemática (...). Os fatos – e não as hipóteses – confirmam que o mito da democracia racial continua a retardar as mudanças estruturais.

A construção ideológica baseada na valorização do grupo branco, tratando-os como superiores primou por considerar os africanos como seres primitivos e incapazes de criar, e até mesmo de participar de uma sociedade civilizada. Assim, os conceitos de primitivos no sentido de atrasados e inferiores eram destinados para as raças inferiores e o conceito de civilização direcionado para os considerados de raças superiores. Isso fortaleceu os conceitos que sustentavam a suposta inferioridade das pessoas negras, tomaram as características físicas e as marcaram como atributos também inferiores, ocasionando o enaltecimento do ideal de branquitude como padrão normal e perfeito. Dessa forma a cor preta na sociedade ocidental tomou significados de algo ruim, moral e fisicamente, e a cor branca passou a representar o bem, o perfeito (MUNANGA, 1984).

Procuraram-se criar diferentes explicações para justificar a inferioridade do negro, como por exemplo, o determinismo biológico, o qual advoga que havia o inatismo para os africanos e dessa forma estes nasciam incapazes, e continuariam assim até a morte.

Tratando sobre as heranças culturais africanas e indígenas, das quais a religiosidade se sobressalta, vemos que esta é um elemento de alta significação na sociedade brasileira, sobretudo por ser constituído de símbolos que têm visibilidade material e imaterial. Não é possível entender o Brasil sem conhecer as origens dos negros, e dos índios, duas origens que foram e são marcantes na formação do Brasil. Assim, a religião é uma representação muito forte, pois é nela que encontramos traços fundantes da cultura dos povos afro-brasileiros, tornando-se registros da presença definitiva da contribuição negra conforme afirma Prandi (2014, p.1).

Na sociedade contemporânea brasileira em que acontece de forma recorrente o fenômeno da intolerância religiosa, observa-se que algumas instituições públicas

são utilizadas como espaços, por excelência, reprodutores da ideologia religiosa cristã e depreciação das religiões afro-brasileiras.

A citação de Santana revela que:

O africano, portanto, deixou de ser (mais ou menos humano) que vivia nas trevas (de satanás) passou a viver na luz (do senhor) e tornou progressivamente toda uma série de conotações, digamos intermediários, que não serviam a uma contraposição como homem racional (branco), que escolheu a luz da razão e as explicações da ciência humana (Santana, 2013, p.110)

Isso mostra a grande imposição sobre os africanos para anulação de sua identidade, inclusive religiosa para aderir à uma identidade cristã, com o argumento de que a única religião existente era a cristã, e que quem não aderisse a mesma não era filho de Deus.

Trazendo a reflexão para o território africano, as práticas religiosas do Catimbó-Jurema, da Umbanda, do Candomblé são excluídas por parte da sociedade com o argumento de que as mesmas adoram o diabo e assim são malditas, sem valor nenhum, que não merece nenhum respeito e valorização.

Todavia, é importante salientar que há diferenciação entre religião e religiosidade, isso é um dado importante para que se entenda que a repressão à religião é praticada, tal qual a que existe em escolas pública que, deveriam ser laicas, mas insistem em torná-las espaços de doutrinação cristã. Nessa diferenciação, vale recorrer a Geertz (2008) que enfoca a religião como sistema cultural e a Simmel (2014) que define a religiosidade como experiência cotidiana do indivíduo.

A literatura infanto-juvenil nos possibilita conhecer essas religiões e as culturas afro-brasileiras em geral, permitindo que o leitor adquira conhecimento e aprendizagem de conteúdos de forma prazerosa e descontraída. Na literatura há uma junção da fantasia com a realidade. É importante recomendar que para o trabalho em sala de aula, as professoras e professores têm que analisar as obras antes de serem indicadas, pois, a mesma pode conter mensagens implícitas, que se não forem bem interpretadas, ao invés de romper pode dar continuidade a ideologias preconceituosas. A imagem e o discurso são fortes elementos para reprodução de conteúdos e valores, principalmente quando se trata de um leitor em formação

(SALDANHA; SOUZA; PEREIRA; LUCIO, 2011).

Segundo Spadoni (2015, p.1)

A Literatura Infantil, em função do seu caráter de agente formador, pode ajudar a criança na superação dos seus traumas e medos, pois o diálogo que estabelece com o livro, no momento da leitura, possibilita-lhe reelaborar esses mesmos sentimentos, desfazendo-se do que antes a incomodava. O caráter lúdico da obra auxilia o indivíduo na busca do autoconhecimento, pois a literatura pode dar o suporte mínimo que as crianças necessitam para se reconhecer como indivíduos (SPADONI, 2015, p.1).

Diante de toda a inferioridade, preconceito e ideologias raciais que as pessoas negras vem sofrendo por muitos anos, surgiu o interesse de destacar os valores civilizatórios afro-brasileiros, já que temos a intenção de apreciar a África e suas contribuições para a cultura brasileira. Sabendo que, com a chegada dos negros do continente africanos para o Brasil, vieram junto com eles suas culturas, como a dança, crenças, comidas, costumes e vestimentas dentro outros. Os mesmos ocasionaram a mistificação no Brasil de culturas que receberam como nome cultura afro-brasileiras. Os valores civilizatórios envolvem todas essas culturas trazidas para o Brasil.

Os valores civilizatórios afro-brasileiros, fundamentais conforme Trindade (2013) na educação infantil é a energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, e a cooperatividade. Vejamos a definição de cada um dele:

**AXÉ ENERGIA VITAL** - tudo que é vivo e que existe, tem axé, tem energia vital: planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação.

**ORALIDADE** - [...] nossa expressão oral, nossa fala é carregada de sentido, de marcas de nossa existência [...]

**CIRCULARIDADE**-[...] a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de samba, de capoeira, as histórias ao redor da fogueira [...]

**CORPOREIDADE** - Um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil só com seu corpo, aprendeu a valorizá-lo como um patrimônio muito importante.

**MUSICALIDADE** - A música é um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos. Um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir e que constitui a brasilidade com a marca do gosto pelo som, pelo batuque, pela música, pela dança.

**LUDICIDADE** - A ludicidade, a alegria, o gosto pelo riso pela diversão, a celebração da vida.

**COOPERATIVIDADE** - A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. (TRINDADE, 2013 p. 136)

Esses valores citados por Trindade fazem parte de nossa cultura, do nosso cotidiano, mas além desses, o Programa “A Cor da Cultura” nos apresenta mais alguns que ainda não foram citados.

RELIGIOSIDADE - Para a nação afro-descendente, religiosidade é mais do que religião: é um exercício permanente de respeito à vida e doação ao próximo. A propósito, em tempos de tanta violência gratuita, vale pontuar que a vida é um dom divino, de caráter transcendental, e deve ser usada para cuidar de si e do outro.

ANCESTRALIDADE - Para despertar o sentimento de afro-brasilidade e, sobretudo, de orgulho ao exibi-la, é necessário mexer no eixo do racismo e da memória: o racismo como algo a ser enfrentado e a memória para que a presença africana que habita em nós possa emergir livremente.

MEMÓRIA - Quando se pensa em ancestralidade, faz-se uma imediata ponte com a história e a memória. Convém não esquecer o passado. Não há fórmulas complexas para vivenciar o que é, de fato, a ancestralidade. Quer provar? Então saia em busca do relato dos mais velhos, que trazem o rico imaginário afro-brasileiro. (Projeto A Cor da Cultura, 2004)

Os valores civilizatórios afro-brasileiros nos possibilitam transmitir toda essa energia para nossas crianças, já que os mesmos estão presentes nas escolas, através da música, da dança, da contagem de histórias, e das brincadeiras de roda, etc. Por isso é importante destacar esses valores, pois por meio deles será possível traçar caminhos para quebrar o preconceito que está plantado na mente das pessoas.

Trindade afirma que:

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e o fato de que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiros implantaram, marcaram e instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (TRINDADE, 2013, p.131)

Diante disso, fica evidente que quando se destaca os valores civilizatórios podem-se desconstruir ideologias que veem por muito tempo sendo construída em nossa sociedade. A ideologia do branqueamento e da democracia racial apesar de ter grande influência na sociedade, podem ser desconstruídas a partir de ações que

restaurem ou deem espaço à mentalidade social antirracista e que culminem com Políticas de Ações Afirmativas para resultarem em promoção social da população negra. Um dos passos significativos para que tenhamos a mentalidade social antirracista foi dado com a sanção da Lei 10. 639/03, “que torna obrigatório o ensino da história da África e dos africanos e da cultura afro-brasileira nas escolas”.

Dessa forma, o trabalho com a literatura infanto-juvenil é um excelente caminho a ser explorado para a construção dessa mentalidade social desde a infância e também para a efetivação da Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da história da África e afro-brasileira, nas instituições de ensino de todo país, seja ela pública ou privada.

Com relação a Lei 10.639/03 Rocha e Silva afirma que:

A Lei 10.639/2003 e seus desdobramentos legais, promulgados nos anos seguintes, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, em 2004, e o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, representam avanços no currículo escolar brasileiro, atingindo todos os níveis e modalidades de ensino. Resultam também de longa e árdua luta dos movimentos sociais negros da contemporaneidade, que pautaram esta demanda educativa em inúmeros debates políticos travados nas últimas décadas (ROCHA e SILVA, 2013 p.57).

Após a sanção da lei 10.639/03, no ano de 2004, foi criado o “Projeto A Cor da Cultura- ACDC, que tem produzido materiais educativos, livros, jogos e que apoiam a proposta da lei 10. 639/03, pois o projeto apresenta meios para desconstruir paradigmas eurocêntricos sobre as pessoas negras de origens africanas”.

Fica evidente a presença dos valores civilizatórios em nosso cotidiano, pois os africanos vieram para o Brasil e trouxeram consigo suas culturas, e essas se misturaram com as culturas já existentes, e o Brasil tornou-se um país mistificado. Sendo assim não podemos jamais deixar de falar e respeitar as culturas afro-brasileiras, pois elas estão enraizadas no nosso cotidiano, de forma majestosa, que fica impossível dizer, mesmo sendo brancos, que não temos traços da cultura africana em nosso ato cotidianamente.

Sabendo disto, não podemos excluir a cultura africana da literatura, já que ela é vista como um elemento de caráter formador, que possui uma capacidade enorme para transformar e construir caminhos para a cidadania, pois através do

conhecimento transmitido pela leitura, é possível quebrar paradigmas, mudar comportamentos e elevar a autoestima seja da pessoa branca, como também, e principalmente das pessoas negras. (Spadoni, 2015).

Compreendendo que a literatura tem essa capacidade transformadora, escolhemos analisar as obras literárias “Ifá, o adivinho”, “O filho do vento” e “O presente de Ossanha”, porque a partir da literatura infanto-juvenil é possível conhecer quais livros estão sendo repassado para as crianças, isso nos possibilitará conhecer também se os valores civilizatórios afro-brasileiros, e as culturas afro-brasileiras em geral estão sendo trabalhados de forma enaltecida, permitindo que o leitor adquira conhecimentos e aprendizagens de conteúdos de forma prazerosa e descontraída, já que essas literaturas contém uma junção da fantasia com a realidade.

Deste modo é importante que se faça uma análise prévia das obras antes de indicá-las, pois os livros recomendados podem conter mensagens implícitas, que se não forem bem interpretadas, ao invés de romper, pode dar continuidade a ideologias preconceituosas. A imagem e o discurso são fortes elementos para reprodução de conteúdos e valores, principalmente quando se trata de um leitor em formação (SALDANHA; SOUZA; PEREIRA; LUCIO, 2011).

Spadoni revela que:

A Literatura Infantil, em função do seu caráter de agente formador, pode ajudar a criança na superação dos seus traumas e medos, pois o diálogo que estabelece com o livro, no momento da leitura, possibilita-lhe reelaborar esses mesmos sentimentos, desfazendo-se do que antes a incomodava. O caráter lúdico da obra auxilia o indivíduo na busca do autoconhecimento, pois a literatura pode dar o suporte mínimo que as crianças necessitam para se reconhecer como indivíduos (SPADONI, 2015, p.1).

Diante disso, fica evidente que se trabalharmos a literatura, junto aos valores civilizatórios será possível formar o caráter da criança, desconstruindo possíveis preconceitos já que a presença dos valores civilizatórios africanos em nosso cotidiano é frequente, pois os africanos ao serem traficados para o Brasil trouxeram suas culturas, e essas se misturaram com as culturas já existentes, e o Brasil tornou-se um país diversificado. Sendo assim não podemos jamais deixar de falar, e respeitar as culturas afro-brasileiras, pois elas estão enraizadas no nosso cotidiano, de forma majestosa, que fica impossível dizer, mesmo sendo brancos, que não

temos traços da cultura africana em nosso ato cotidianamente.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada tomou como princípios norteadores, a análise na perspectiva de Laurence Bardin, a qual sempre busca outras realidades, outros contextos imiscuídos nas mensagens e vai além do que está explícito. Bardin nos apresenta diferentes técnicas que podem ser utilizadas na análise de conteúdo, a análise de avaliação, de enunciação, de expressão, das relações, de discurso e por fim a análise categorial. Com a análise categorial podem ser analisadas as obras a partir da categorização criada decorrente desse procedimento, o que nos possibilitará uma leitura profunda das comunicações, indo além da aparência. As imagens buscadas na pesquisa privilegiaram as ilustrações e também os textos escritos, uma vez em que, há livros nos quais a comunicação tem força nas ilustrações, e há outros em que as palavras veiculam as mensagens.

Com a análise categorial podem ser analisadas as obras a partir da categorização criada decorrente da análise, o que nos possibilitará uma leitura profunda das comunicações, indo além da aparência. As imagens buscadas na pesquisa privilegiaram as ilustrações e também os textos escritos, uma vez que, há livros nos quais a comunicação tem força nas ilustrações e há outros em que as palavras veiculam as mensagens. A técnica de análise se divide em três etapas a primeira que é chamada de Pré-análise, é o momento da escolha de material para pesquisa; a segunda é a exploração do material, são instituídas as categorias de análise; e por fim Tratamento dos resultados faz-se a junção dos dados coletados com as teorias.

A pesquisa também levou em consideração não apenas o discurso, que é o texto, como também as imagens/gravuras presentes nas duas obras selecionadas, pois assim teremos uma análise completa das obras, desde as falas dos personagens até o cenário social e o contexto em que estão inseridos. Vale salientar também que as imagens tem um grande poder de veiculação de conteúdo bem como o texto escrito.

### **4. ANALISANDO**

Tomando como princípios norteadores, a teoria de Bardin diz que “a análise de

conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens”. (Bardin, 2013) e a categorização supracitada, daremos início às análises na perspectiva de Laurence Bardin (2013), a qual sempre busca outras realidades, outros contextos imiscuídos nas mensagens, vai além do que está explícito. Bardin (2013) nos apresenta diferentes técnicas que podem ser utilizadas na análise de conteúdo, a análise de avaliação, de enunciação, de expressão, das relações, de discurso e por fim a análise categorial. Neste trabalho utilizamos esta última, analisamos as obras a partir da categorização anteriormente citada, o que nos possibilitou fazer uma leitura profunda das comunicações, indo além da aparente. Para categorizar a análise escolhemos três valores civilizatórios afro-brasileiros, a religiosidade, a cooperatividade e a ludicidade. Para tanto faremos uso de um quadro representativo das obras analisadas neste trabalho.

#### 4.1 Um caminho pelos búzios de ifá e outros orixás.

LIVROS	CATEGORIAS (Valores civilizatórios)			PALAVRAS-CHAVES/CONTAGEM
<b>IFÁ, O ADIVINHO.</b>	RELIGIOSIDADE	COOPERATIVIDADE	LUDICIDADE	Búzios 7 Morte 6 Ewá 5
	Ifá jogava seus búzios mágicos e desvendava o destino das pessoas. X Defender as pessoas da morte.	Ajudar as pessoas a se defender da morte X Ewá ajudou Ifá a se esconder da morte	Os búzios que podem que ser associados ao jogo	
<b>O FILHO DO VENTO</b>	Orixá Iansã (mãe do vento)	O ato da mãe com os filhos, a oralidade que ela usa para contar a história; A cumplicidade da mãe com os filhos; O cuidado do pai com a família construindo a cerca.	A brincadeira do menino com o filho do vento (O jogo com a bola)	Vento 6 Bola 4

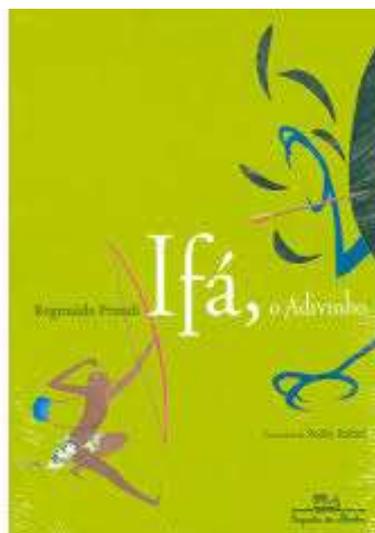
<p><b>O PRESENTE DE OSSANHA</b></p>	<p>Os orixás Ossanha, Xangó, Olorún, Iansã.</p>	<p>O menino negro que serve como brinquedo. O menino negro que doa seu pássaro para o menino branco.</p>	<p>A brincadeira de cavalinho, o jogar dama, soltar pipa, e rodar arco.</p>	<p>Ossanha 3 Olorún 2 Xangó 2 Iansã 1 Cavalinho 3 Pipa 1 Dama 1 Arco 1</p>
---	---	--	---	--

**Tabela 1 - Quadro sinóptico das obras**

A partir do quadro acima percebemos que as histórias enfatizadas são de cunho valorativo, enaltecedor, que visa quebrar os estereótipos impostos e construídos em prol das pessoas negras, de suas crenças, ou seja, dos seus valores, principalmente sua religião, já que essa questão é bem destacada nas três obras de forma majestosa. Assim sendo, estes livros corroboram com o enfraquecimento da ideologia de branqueamento, e principalmente com a valorização das religiões afro-brasileiras, quebrando todo tipo de preconceito contra a cultura africana.

#### **4.1.1. Ifá, o adivinho.**

O livro do autor Reginaldo Prandi, publicado em 2002, intitulado, Ifá, o adivinho, aborda a questão religiosa de forma inusitada: o título vincula-se à personagem que usava os búzios para fazer adivinhações.





Disponível em: <https://www.google.com.br/> Acessado em 20 de fev. de 2016.

Na obra *Ifá*, o adivinho retrata uma história em tempos passados na África, em que um adivinho chamado Ifá jogava seus búzios mágicos e desvendava o destino das pessoas que o consultavam. Esse ato de jogar os búzios é uma prática marcante dos povos africanos presente na obra. Assim, com o ato de jogar os búzios Ifá tentava ajudar as pessoas a resolver todo tipo de problema, mas ele tinha como objetivo principal auxiliá-las a se defender da Morte. Na obra ainda são citadas três grandes entidades das religiões africanas, são elas: Ewá, Ifá e a Morte (Ikú).

Sendo assim fica evidente a presença da categoria religiosidade na obra, e de forma enaltecida, já que quando Ifá, que é o orixá adivinho, joga os búzios são citados na história como uma coisa do bem, para ajudar as pessoas.

Segundo Prandi (2002, p. 50 apud Machado). “Ifá, o Adivinho, é um dos orixás que habitam o Orum e vivem interferindo em nossas vidas. Eles nos ajudam sim, mas exigem nossa atenção para com eles. Quando estão de bem conosco nos dão tudo de que precisamos. Se estamos em falta com eles, nos castigam”. Isso mostra que ao contrario das coisas negativas que falam sobre a religião de matriz africana, a obra contrária essas ideias.

Vejamos no trecho da obra abaixo:

Em tempos antigos, na África negra, um adivinho chamado Ifá jogava seus búzios mágicos e desvendava o destino das pessoas que o consultavam. Ele as ajudava a resolver todo tipo de problema, mas o que mais gostava de fazer era auxiliá-las a se defender da Morte. (PRANDI 2002, p. 2)

Outras entidades são enunciadas na história quando se fala da morte, pois Ykú é o orixá da morte, e o mesmo é muito citado na obra. Tal categoria é a mais marcante na obra, em princípio pela presença de três orixás são eles Ifá que se trata de um oráculo africano, o mesmo é conhecido por ser porta voz de Orunmilá.

Segundo Ebomi:

Orunmilá é o senhor dos destinos, é quem rege os o plano onírico (sonhos), é aquele que tudo sabe e tudo vê em todos os mundos que estão sob a tutela de Olorum, ele sabe tudo sobre o passado, o presente e o futuro de todos habitantes da Terra e do Céu, é o regente responsável e detentor dos oráculos, foi quem acompanhou Odudua na criação e fundação de Ilé Ifé, é normalmente chamado em suas preces de: **Elérí Ipín** - "o testemunho de Deus" **Ibìkéjì Olódúmarè** - "o vice de Deus" **Gbàiyégbòrún** - "aquele que está no céu e na terra" **Ópitan Ifé** - "o historiador de Ifé" Acredita-se que Olorum passou e confiou de maneira especial toda a sabedoria e conhecimento possível, imaginável e existente entre todos os mundos habitados e não habitados à Orumilá, fazendo com que desta forma o tornasse seu representante em qualquer lugar que estivesse. (Ebomi, 2015,p.1)

A partir dessa citação de Ebomi podemos entender um pouco sobre "Ifá" (Orunmilá), seu instrumento sagrado utilizado para fazer as adivinhações são uma peneira e 16 búzios ou dendês ao serem lançados, de acordo com suas posições em que os mesmos caem sobre a peneira é que o adivinho faz a interpretação. Em seguida na mesma obra Aparece a orixá Ewá, mãe de dois filhos de "Ifá", que é uma moça misteriosa.

Segundo Ebomi:

Orixá Ewá também conhecida como **Ìyá Wa** ou **Yewá**. Assim como Iemanjá e Oxum, também é uma divindade feminina das águas e, às vezes, associada à fecundidade. É reverenciada como a dona do mundo e dona dos horizontes, tem seu culto particular no Brasil nas casas de santo de Candomblé, não possuindo culto em terreiros de Umbanda. Em algumas lendas aparece como a esposa de Oxumarê e pertencendo a ela a faixa branca do arco-íris, em outras como esposa de Obaluaiê ou Omulu. (Ebomi, 2015, p.1)

No livro "Ifá" presenteia Ewá com seis de seus búzios, o que justifica que Ewá também tem o poder da previsão de acordo com Ebomi (2005,p.1) "Orixá que protege as virgens e tudo que é inexplorável. Ewá tem o poder da vidência, Senhora do céu estrelado rainha dos cosmos. Ela está o lugar onde o homem não alcança". A

terceira divindade que aparece na obra é o orixá da Morte (Ikú) que na obra levava as pessoas que se encontravam em momentos de fragilidade. É pertinente trazer a citação de D'Osogiyán, que diz:

Ikú, a Morte é um Orixá, designado por Olodumare para uma função derradeira. Existem e são raríssimas, pessoas de Ikú que, evidentemente, não são iniciadas, cumprem normalmente seu destino e tem funções específicas num Ilê Axé(...)Oyekú Meji é primeiro caminho à terra, quando o Odú Oyekú Meji chegou à Terra, a morte ainda não existia. Orixá Ikú (morte) nasce nesse caminho para cumprir sua função na Terra, Opirá. (FIM).Oyekú Meji representa essencialmente a Morte, a profunda escuridão, representa também o lado esquerdo, o este e o princípio feminino.Ikú vem buscar a pessoa no dia derradeiro e esteja nas condições que estiver, para levá-la de volta ao interior da terra, ao ventre de Nanã. (D'Osogiyán, 2015, p.1).

Prandi, de forma simples e ilustrada nos trouxe um pouco da religião de matriz africana (candomblé), que em nada deixa a desejar, já que tal livro é indicado para o público infanto-juvenil. Para quem é iniciado na religião promove um orgulho de seguir tal crença, tão cheia de mistérios e simbologias, na obra os personagens são representados como “generosos”, estão sempre associados ao bem, a ajudar ao próximo. Percebe-se então que o foco dessa narrativa é a religiosidade. Dando ênfase a essa afirmação Machado (2009) nos diz que:

“Ifá coloca a criança em contato com mitos de origem do mundo e com narrativas que organizam o universo e a natureza. Há um ser criador de todos os orixás, há uma separação entre as águas e a floresta e há modos de interação entre as pessoas diversas” (MACHADO, 2009, p. 29).

Sendo assim, enaltecendo a religião africana, e conseqüentemente a cor negra, fato que combate as discriminações e preconceitos referentes à religião, as vestimentas, dentre outros aspectos da pessoa negra.

Em se tratando da categoria da cooperatividade fica bem evidente quando as pessoas vão à procura de Ifá, e conta seus problemas e ele às ajudam a se defender da morte jogando seus búzios, com também na personagem de Ewá que ajuda Ifá o escondendo da morte que está lhe perseguindo.

Então Ifá avisava quando a morte estava por perto e ensinava o que fazer para manda-la embora. Todas as pessoas eram muito gratas a Ifá, mas a morte o odiava[...]

Ewa sabia da boa fama do adivinho e decidiu socorrer-lo. Ewa a misteriosa disse com coragem:

- Pois te escondes aqui debaixo da minha saia e a morte não vai te encontrar!

Ifá se escondeu entre as pernas da lavadeira que cantarolando alegremente continuou lavando roupa como se nada estranho tivesse acontecendo. (Prandi 2002, p.12)

Com isso fica clara a coletividade, onde um ajuda o outro, essa questão é primordial na cultura africana, pois quando pensamos em África, pensamos também em coletividade, em diversidade e em comunidade.

Ainda sobre isso Karasch nos diz que:

“Durante séculos os povos da África Central tinham lidado com a diversidade étnica, desenvolvido tradições religiosas comuns e compartilhado formas culturais. Essas habilidades eles as transmitiram para o Brasil, onde utilizaram indiscutivelmente técnicas similares para lidar com a diversidade cultural”. (KARASCH, s.n. apud PROJETO A COR DA CULTURA 2004)

Em se tratando da ludicidade podem-se destacar os búzios de Ifá, usados para fazer adivinhações são vistos pelos africanos como um ritual sagrado, pode ser associada com o jogo, sem contar que como o jogo, os búzios eram prazerosos para Ifá que estava jogando, quanto mais para as pessoas que estavam recebendo informações de como se livrar da morte.

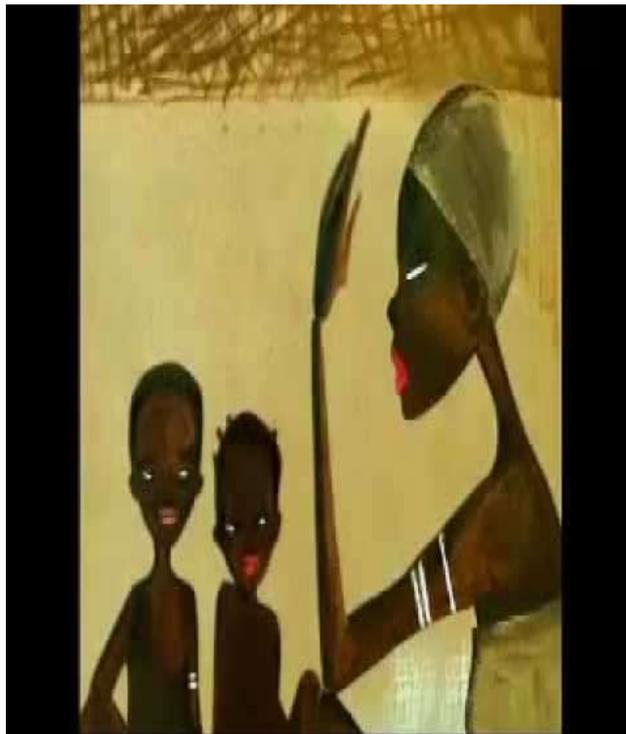
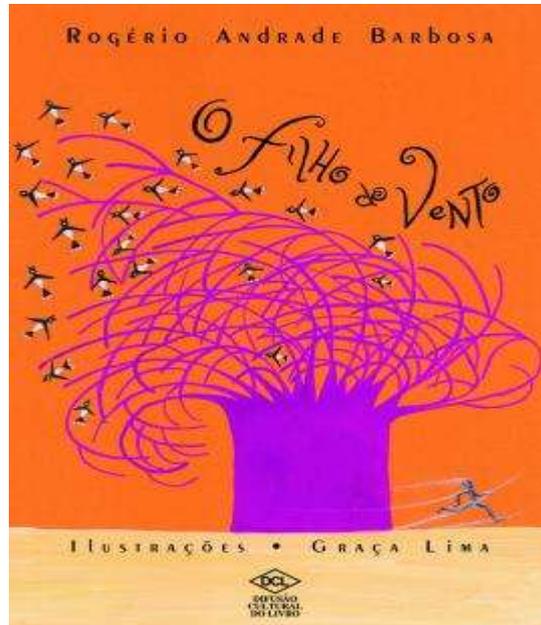
“Antigamente, o jogo era associado a ritos mágicos e sagrados. Dependendo do lugar, era reservado apenas para os homens, ou para os homens mais velhos, ou, ainda, era exclusivo dos sacerdotes” (Os Melhores Jogos do Mundo s.n apud. Projeto A Cor da cultura 2004)

Sendo assim, podemos elencar o jogo dos búzios na categoria de ludicidade. Vejamos um trecho da historinha que representa esse jogo:

Ifá o adivinho escutava as queixas das pessoas que os procuravam e depois jogava os búzios numa peneira, a forma como os búzios caíam permitia a Ifá responder as perguntas que as pessoas lhe faziam sobre seus problemas e suas dificuldades. Muita gente ia consultar Ifá sempre que tinha uma questão para resolver (PRANDI, p.2, 2002).

#### **4.1.2. O filho do vento**

O livro autoria de Rogério Andrade Barbosa, publicado em 2006, relata a história de um menino que era filho do vento, e que o seu nome era um segredo que não poderia ser revelado, nem pronunciado. É forte a presença da religião, já que quando se fala do filho do vento, faz referencia ao Orixá Iansã (mãe do vento).



Disponível em: <https://www.google.com.br/> Acesso em 20 de fev. de 2016.

Na segunda obra, O filho do vento, um menino solitário encontra Nakati,

menino de sua idade, e com ele joga bola, mas em nenhum momento revela sua identidade. A narrativa é sobre um povo africano, os bosquímanos que convive com as forças da natureza, um povo nômade do deserto de Kalahari, que gosta de revelar o que sente através das suas lendas e canções. Na narrativa fica visível o valor civilizatório da oralidade. A história narrada corre ao redor do nome “O filho do vento”; um segredo que deve ser guardado e respeitado, mas Nakati resolve desafiá-lo e enfrenta um enorme vendaval. Enquanto o vento “zune lá fora”, a mãe narra aos seus filhos o conto O filho do vento e alerta seus filhos sobre o perigo de descobrir e revelar o segredo, que é o nome do menino.

A categoria da religiosidade é manifestada no filho do vento, a presença marcante do Orixá Iansã (mãe do vento) na obra mostra e enaltece a religião de matriz africana. O conto “O filho do vento” faz menção a orixá Yansã, tal representação se dá de forma valorativa, pois esse orixá na história aparece no papel da mãe, aquela que cuida e protege seu filho contra qualquer ameaça, vale trazer uma citação sobre tal divindade tão respeitada na cultura africana e nos adeptos do candomblé e da umbanda.

A tempestade é o poder manifesto de Iansã, rainha dos raios, das ventanias, do tempo que se fecha sem chover. Iansã é uma guerreira por vocação, sabe ir à luta e defender o que é seu, a batalha do dia-a-dia é a sua felicidade. Ela sabe conquistar, seja no fervor das guerras, seja na arte do amor. Mostra o seu amor e a sua alegria contagiante na mesma proporção que exterioriza a sua raiva, o seu ódio. Dessa forma, passou a identificar-se muito mais com todas as atividades relacionadas com o homem, que são desenvolvidas fora do lar; portanto não aprecia os afazeres domésticos, rejeitando o papel feminino tradicional. Iansã é a mulher que acorda de manhã, beija os filhos e sai em busca do sustento (D'OSOGIYAN, 2015, p.1)

Em relação à categoria da cooperatividade percebemos com predominância o ato da mãe com seus filhos, a ação dela na utilização da oralidade quando conta a história para os filhos. Vejamos o trecho que fica explícito a cooperatividade:

Assim que o pai saiu a menina voltou-se para mãe e pediu:

- Conte uma história!

-O nosso povo tem muitas lendas! Disse mulher. Que passam de geração a geração. A que vão escutar eu ouvi quando eu era pequenina como vocês, num dia semelhante ao de hoje, guardem bem essa história, que é sobre o filho do vento.( BARBOSA, 2006, p.5)

Ela coopera com os filhos em toda a história, seja no ato de contar história como já foi dito, ou na cumplicidade que ela tem com as crianças. Pensar sobre cultura negra demanda usar a palavra 'coletivo'. Vejamos essa cumplicidade:

- Você já pode revelar o nome do meu amigo!
- A mulher depois de lançar um olhar para cerca de proteção da casa respondeu em voz baixa:
- O seu colega de brincadeira é o filho do vento!
- Do vento?
- Sim! Confirmou a mãe.
- Você tem que me prometer que não contará o nome dele para ninguém antes do cercado ficar totalmente arrumado!
- Prometo! Por favor, como ele é que ele se chama? (BARBOSA, 2006, p.12)

Também podemos fazer uma reflexão no cuidado do pai com a família na construção de uma cerca ao redor da casa para proteger seus filhos e sua esposa das tempestades.

- O marido que permanecia calado num canto ergueu-se e falou:
- Pronto! A tempestade passou já posso continuar a cerca de proteção contra a areia que o vento levanta!
- Resolveu abrindo a estreita porta da cabana, deixando entrar uma lufada de ar fresco. (BARBOSA 2006, p. 4)

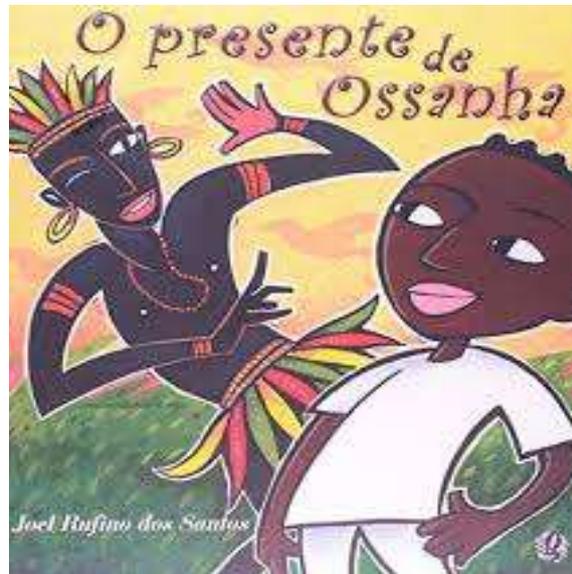
Em se tratando da categoria ludicidade pode-se destacar a brincadeira com a bola que o menino negro jogava com o filho do vento. O riso, a diversão é visível no momento em que os dois brincavam isso mostra que a ludicidade transparece em nosso rosto na alegria do brincar, alegria de viver que as pessoas negras, apesar de todo sofrimento que eles passaram, eles nunca perderam a ludicidade, a alegria de viver.

Vejamos um trecho que representa bem a ludicidade:

- Os dois meninos riam e batiam palmas enquanto rolavam a bola um para o outro, A pelota deslizava pela grama para frente e para trás sem cessar.
- Pegue! Gritava o filho do vento.
- Segure! Respondia Nakati. (BARBOSA 2006 p.8)

#### **4.1.3. O presente de Ossanha**

Esta obra literária, escrita por Joel Rufino dos Santos, publicada em 2000, tem como protagonistas, dois meninos, um negro e um branco, e Ossanha, uma forte entidade religiosa da cultura afro-brasileira. Sendo assim, aborda de forma particular a questão religiosa.



Disponível em: <https://www.google.com.br> Acesso em 20 de fev. de 2016.

A obra *O Presente de Ossanha* conta a história de dois meninos, que vivem em dois mundos diferentes, mas juntos. A história se passa no tempo da escravidão, isso fica claro, pois um menino é negro, pobre, escravo e sem nome; o outro branco, com nome, rico e o direito de fazer do negrinho um 'brinquedo'. Nele se apresenta entidades das religiões africanas como, Ossanha, Xangó, Olorún, Iansã.

No que condiz a categoria da religiosidade a obra apresenta entidades africanas como, Ossanha, Xangô, Olorún, Iansã. Para melhor falar das divindades das religiões de matrizes africanas, vale citar D'Osogiyán para endossar teoricamente essa análise, pois sobre o Orixá Ossanha ou Ossain; personagem principal da obra ele diz que:

Kó si ewé, kó sí Òrìsà, ou seja, sem folhas não há orixá, elas são imprescindíveis aos rituais do Candomblé. Cada orixá possui suas próprias folhas, mas só Ossaim (Òsanyìn) conhece os seus segredos, só ele sabe as palavras (ofó) que despertam o seu poder, a sua força. Ossaim desempenha uma função fundamental no Candomblé, visto que sem folhas, sem a sua presença, nenhuma cerimônia pode realizar-se, pois ele detém o axé que desperta o poder do 'sangue' verde das folhas. Ossaim é o grande sacerdote das folhas, grande feiticeiro, que por meio das folhas pode realizar curas e milagres, pode trazer progresso e riqueza. É nas folhas que está à cura para todas as doenças, do corpo ou do espírito. Portanto, precisamos lutar por sua preservação, para que consequências desastrosas não atinjam os seres humanos. (2015, p.1)

Com relação ao Orixá Xangô, o real motivo de Ossanha não ter uma perna nem um olho, resultado de uma briga comesse orixá, vale destacar que Ossanha é irmão de Xangô, assim sendo Maneco explica quem é essa forte divindade, e diz que:

Xangô é o Deus da Justiça e sua força está nas pedreiras, exercendo uma influência muito forte em seus filhos, principalmente a Justiça. Todos os Orixás, evidentemente, são justos, e transmitem este sentimento aos seus filhos, entretanto com os filhos de Xangô a Justiça deixa de ser uma virtude para passar uma obsessão, o que faz de seus filhos um sofredor, principalmente porque o parâmetro da Justiça é o seu julgamento, e não o da Justiça Divina, quase sempre diferente do nosso que é muito terra. (MANECO, 2015, p.1)

Sobre o Orixá Olorum na historinha o criador, segundo Prandi (2000, p. 524-528) apud D'Osogiyán (2015, p.1) "Olorum, Senhor do Céu, Deus Supremo, irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais, soprou enfurecido seu sopro divino e separou para sempre o Céu da Terra". Ainda sobre o mesmo orixá Mãe Monica afirma que:

Na Mitologia Yoruba, e no culto de Ifá, é chamado Olódùmarè ou Olorun, nas religiões afro-brasileira é chamado de Olorum, é o Dono do Orun céu e Criador do Orun e do Aiye, o céu e a terra. É associado fortemente com a cor branca, e controla tudo. É o Deus Pai Criador de tudo e de todos. Embora reconhecido e louvado como Único e Soberano, não existe templo individual para Ele. De acordo com um dos mitos da criação yoruba, ele delegou os poderes de criação do Aiye para seu primeiro e mais velho

filho Orisanla ou Obatalá. (Mãe Monica, 2015, p.1)

Ainda sobre as divindades encontradas na obra vale citar o depoimento de Tio Antônio, que diz sobre Iansã:

Quem é Iansã? É a senhora dos ventos, das tempestades. Como Orixá altiva, poderosa, guerreira, Iansã tem a força que aplaca os raios e os trovões. É valente e briguenta, não aceita ordens nem escuta desaforos. É independente, nunca se deixa dominar, só obedece a si própria. Seu temperamento, sensual e autoritário. É o único Orixá com poder para controlar a ação de espíritos negativos. Junto com Omolu é a dona dos cemitérios sua cor é o amarelo escuro, é sincretizada com Santa Barbara, festejada em 4 de dezembro. Seu dia na semana é segunda-feira, mas nas quartas-feiras também é cultuada, talvez por sua relação com Xangô. (Terreiro de Umbanda Tio Antônio, 2015, p.1)

Sendo assim, podemos concluir que a questão religiosa para cultura africana é algo importante, cheia de simbologias e significados. Na obra retratada a questão dos orixás e seus significados, embora seja de forma breve e simplificada, tal livro retrata de forma positiva e enaltecida a força das divindades das religiões de matrizes africanas.

Com relação à categoria da cooperatividade é visto no menino negro, que doou seu pássaro para o menino branco que gostava dele como um brinquedo, mesmo assim vendo que o menino branco ficou muito triste com sua falta, ele se despreendeu do pássaro tão desejado por todos para ver seu amigo feliz.

Em se tratando da categoria ludicidade podemos mencionar na brincadeira de cavalinho, que apesar de mostrar desigualdade, já que só o menino negro é o cavalo, e o branco monta nas costas dele, não podemos dizer que a narrativa deprecia a pessoa negra, temos que entender o tempo da história, o período que a história é narrada, período da escravidão.

O moleque fora comprado bem novinho no mercado. Seu trabalho ia ser brincar com o filho do dono, brincar de todo jeito: jogar dama, soltar pipa, rodar arco que era uma brincadeira muito apreciada naquele tempo e de cavalinho – Ricardo montava e o moleque era montado. Saíram os dois pelo terreiro:

- Upa, upa cavalinho, gritava Ricardo. (SANTOS, 2009, p.2)

Além da brincadeira do cavalinho, tem também o jogo de dama, o soltar pipa e o rodar arco, brincadeiras muito apreciadas na época da escravidão. (SANTOS,

2009).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das três obras analisadas, o presente de Ossanha (Joel Rufino dos Santos 2012), Ifá o Adivinho (Reginaldo Prandi, 2009) e o Filho do Vento (Rogério Andrade, 2006), é pertinente afirmar que por meio deles será possível transmitir o conhecimento positivado sobre as pessoas negras e sua cultura, principalmente no que se refere aos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Para tanto, afirmamos que esses livros trazem imagens e falas que enaltecem a cultura africana, principalmente no atinente a religiosidade, cooperatividade e ludicidade. A citação de nomes de divindades como: Ifá, Ossanha, Ewá, Morte (Ikú), Iansã (mãe do vento), Xangó, Olorún, demonstra a ação de reforçar o positivo na religião do candomblé por parte dos autores.

Assim, fica explícito, que estes livros e outros da mesma natureza podem ajudar de maneira significativa o combate ao preconceito e discriminação racial, pois em todos eles há o predomínio da valorização da identidade negra, nos mais diferentes aspectos, seja ele social, cultural, histórico, político e religioso. Tais fatos contribuem para a quebra de preconceitos e discriminações raciais, e se trabalhadas desde a infância poderemos obter resultados satisfatórios, corroborando com uma sociedade harmoniosa e igualitária.

Sendo assim será possível desconstruir o preconceito contra o negro, pois o ser humano não nasce com o preconceito, mas se torna, então é necessário que comece desde cedo à conscientização sobre a cultura afro-brasileira. Portanto, esta pesquisa contribuirá para o enfraquecimento de estereótipos negativos existentes nos livros infanto-juvenis e oferecerá elementos para que o trabalho nas escolas contribua para transformar a mentalidade social vigente, que é estruturada pelo racismo.

## ABSTRACT

This article is the result of the "Daughters and Granddaughters Africa: Images of girls and African Americans and black women in books published in the Programme of

Culture Color / ACDC", in which I participated as a volunteer with the subproject "The african-Brazilian religious and everyday life. " The main objective was to show the african-Brazilian religion in all the civilizing african-Brazilian values from the content analysis of 03 children's books that are part of the program Culture of Color, "Ifa the Soothsayer," "The Wind Son "and" The gift Ossanha ". For this we use ideologies that depreciate the black person as racism and racial democracy. Bringing the theoretical aporte Bardin (2013), Munanga (1984), Fernandes (1989), Trinity (2013) among others. From the three works analyzed it is pertinent to say that through them you can pass on the knowledge positivado about black people and their culture and especially with regard to religion and all other civilizational values african-Brazilians.

Keywords: Religion; black characters; Literature infant-juvenile; civilizing values african-Brazilian-religion

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013.

D'OSOGIYAN, Fernando. Ikú é um Orixá. Disponível em: < <https://ocandomble.wordpress.com/2011/06/17/iku-e-um-orixa/> > Acessado em 05 de julho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Iansã**. Disponível em: <https://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/iansa/> Acessado em 25 de julho de 2015.

\_\_\_\_\_. **Ossaim**. Disponível em:< <https://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/ossaim/> > Acessado em 29 de julho de 2015.

\_\_\_\_\_. **O candomblé**. Disponível em:< <https://ocandomble.wordpress.com/assim-nasceu-o-candomble/> > acessado em 29 de julho de 2015.

BARBOSA, Rogério Andrade. **O filho do vento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1thkoFONasY> Acessado em 21 de janeiro de 2016.

EBOMI, Alberto. **ORUMILÁ - IFÁ - Orunmila (Santo Respeitado Por De Mais No Culto Orixá)**. Disponível em: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2008/11/orumil-ou-if.html> Acessado em 04 de agosto de 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: [http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz\\_clifford\\_-\\_a\\_interpretac3a7c3a3o\\_das\\_culturas.pdf](http://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford_-_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf) Acessado em 02 de fev. de 2014.

LUCIO, Ana Cristina Marinho. **Literatura Infantil e direitos humanos: Novos paradigmas nos processos educacionais.** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/1543238>> acessado em 15 de março 2015.

MACHADO, Sátira P, BROSE, Elizabeth R.Z. **Ifá, o Adivinho: literatura afro-brasileira no Canal Futura.** Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, Jul./dez. 2009, p. 137-157.

MANECO, Pai. **Orixá Xangô.** Disponível em :<<http://www.paimaneco.org.br/orixas/xango>> Acessado em 01 de agosto de 2015.

MONICA, Mãe. **Olorun.** Disponível em: <http://orixasdocandomble.no.comunidades.net/olorum-e-os-orixas> Acessado em 20 de julho de 2015.

MARTELLI, Stefano. **Ciberteologia Revista de Teologia & Cultura.** Georg Simmel e a religiosidade como forma pura das relações sociais. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologiaen/wpcontent/uploads/2009/08/GeorgSimmelandReligiosity.pdf> Acessado em 20 de maio de 2014.

MUNANGA, Kabengele. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. **In: Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde**, v.1, n. 1, p. 39-47, 1984.

**O Conto de ossanha trechos.** Disponível em: <http://silnunesprof.blogspot.com.br/2009/11/o-presente-de-ossanha.html> Acessado em 28 de março de 2015.

PROJETO A COR DA CULTURA, Livros animados – A cor da cultura. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/livros/> Acessado em 17 de abril de 2015.

PRANDI, Reginaldo. **Ifá o adivinho.** 1º Edição, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1j6K2czolsc> Acessado em 22 de janeiro de 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O presente de ossanha.** 1º Edição, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b9NMLluHVDc> Acessado em 28 de janeiro de 2015.

SALDANHA, Angelica F. Linhares; SOUZA, Irany André Lima de, PEREIRA, Fidentes Praxedes;

SPADONI, Simone Severo. **Africanidade em O filho do vento.** Disponível em: [http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/do-texto-ao-leitor/Africanidade\\_em\\_O\\_filho\\_do\\_vento.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/do-texto-ao-leitor/Africanidade_em_O_filho_do_vento.pdf) Acessado em 20 de dezembro de 2015.

ROCHA, Solange e SILVA, José Antonio Novaes: **À luz da lei 10.639/03, avanços e desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas.** Disponível em:

[www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/download/399/284](http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/download/399/284)\_acessado em 25 de outubro de 2015.

Terreiro de umbanda Tio Antonio. **Yansã**. Disponível em:  
[http://www.terreirotioantonio.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=55&Itemid=73](http://www.terreirotioantonio.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=73)> Acessado em 02 de agosto de 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Africanidades brasileiras e educação**. Rio de Janeiro : ACERP; Brasília: TV Escola , 2013.

\_\_\_\_\_. **Quem É O Orixá Ewá Ou Yewa?** Disponível em:<  
<http://www.juntosnocandomble.com.br/2013/07/quem-e-o-orixa-ewa-ou-yewa.html>>  
Acessado em 03 de julho de 2015.